

UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Amanda Carvalho Dias

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – campus Assis

Mary Yoko Okamoto

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – campus Assis

Resumo

Tanto a gestação quanto a adolescência são vividas de diferentes formas nos diversos contextos sociais e culturais. A partir da constituição familiar que a adolescente se sentirá mulher em determinados grupos. Buscamos entender o desejo pela gestação e o lugar ocupado pelo filho no imaginário materno, e assim, compreender quais ideias de ego familiar constituíram-se em torno da filiação e como se construíram em suas vidas. Para isso, realizamos entrevistas semidirigidas e elaboramos uma Linha do Tempo Familiar com seis gestantes de 14 a 18 anos. A análise destas nos mostrou a gestação na adolescência como um desejo e uma possibilidade de ascensão social. O filho traz a esperança da reconstrução das vivências infantis das entrevistadas e a sensação de segurança e vínculo inabalável. Com isso, reafirmamos a necessidade de uma reformulação nos projetos sociais para a população de baixa renda, que considere os jovens globalmente, possibilitando-lhes autonomia e reflexões.

Palavras-chave: adolescência; gravidez; família; desejo; maternidade.

A PSYCHOANALYTIC READING OF TEENAGE PREGNANCY

Abstract

Pregnancy and adolescence are both experienced in different ways in different social and cultural contexts. It is from the family constitution that the teenager will feel like a woman in some groups. We wish to understand the desire through pregnancy and the place occupied by the child in the maternal imaginary, thus comprehending which familiar ego ideas were built around the sonship and in their lives. We conducted semi-structured interviews and confection of the Family Time Line with 6 pregnant women aged 14 to 18 years. The analysis showed us the pregnancy in adolescence as a desire and a possibility of social ascension. The son brings the hope of rebuilding the children's experiences of the interviewees and the feeling of security and unbreakable bond. Therefore, we affirm the need for a reformulation in social projects for the low-income population, which sees the teenagers globally, making possible the autonomy and reflections.

Keywords: adolescence; pregnancy; family; desire; motherhood.

UNA LECTURA PSICOANALÍTICA DEL EMBARAZO EN LA ADOLESCENCIA

Resumen

Tanto el embarazo como la adolescencia son vividos de diferentes maneras en los diversos contextos sociales y culturales. A partir de la constitución familiar que la adolescente se sentirá mujer en determinados grupos. Queremos entender el deseo por el embarazo y el lugar ocupado por el hijo en el imaginario materno, comprendiendo así que ideales del Yo familiar fueron constituidos en la filiación y como se construyeron en sus vidas. Hicimos entrevistas semidirigidas y elaboramos la Línea del Tiempo Familiar con 6 gestantes de 14 a 18 años. El análisis mostró el embarazo en la adolescencia como deseo legítimo y una posibilidad de ascensión social. El hijo trae la esperanza de reconstrucción de las vivencias infantiles y la seguridad de un vínculo firme. Con eso, reafirmamos la necesidad de reformulación en los proyectos sociales para la población de baja renta, que tengan en cuenta a los jóvenes globalmente, posibilitándoles autonomía y reflexión.

Palabras clave: adolescencia; embarazo; familia; deseo; maternidad.

INTRODUÇÃO

Para falar de gestação na adolescência, é necessário entendermos a gestação e a adolescência, tendo em vista que ambas são vividas de diferentes formas em cada contexto social e cultural.

O conceito de adolescência

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, cujo significado é crescer. Foi usada pela primeira vez na língua inglesa no ano de 1430 para se referir aos homens de 14 a 21 anos e às mulheres de 12 a 21 anos (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2010).

Assim como a infância, a adolescência foi um conceito construído socialmente, surgindo como consequência do mundo moderno e tornando-se tema de pesquisa apenas no século XIX. Se hoje a infância é vista como bela e ingênua, a adolescência é considerada um período de gozo absoluto. Os adultos veneram as crianças, mas não desejam voltar a sê-las, uma vez que a infância lhes parece um período distante, inacessível e desprovido de independência. Em relação à adolescência, a criticam e a imitam/almejam ao mesmo tempo, “Eles (os adolescentes) são considerados adultos de férias, sem lei” (p. 69) (Calligaris, 2000).

Não existe consenso quanto ao período que engloba a adolescência e enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consideram a faixa etária entre os 10 e 20 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) indica o período entre os 12 e 18 anos. Além desse fato, o conceito de adolescência não deve ser entendido como homogêneo, visto que seus sujeitos estão inseridos num contexto social dinâmico e fluido, capaz de subsidiar suas representações do mundo e do que é ser adolescente. Essa heterogeneidade pode ser explicada a partir de fenômenos sociais, psicológicos, históricos e biológicos. (Queiroz & Rangel, 2008; Schoen-Ferreira et al., 2010).

Em nossa sociedade, a passagem da adolescência para a fase adulta é algo que depende do olhar do outro. Lançam-nos a ideia de que o adolescente, ao mesmo tempo em que é impulsionado para a vida adulta e deseja atingir essa condição, ainda não está disposto a abrir mão de certos “privilégios” que a condição infantil lhe oferece. Para alguns adolescentes, adentrar o mundo adulto seria um caminho sem volta, visto que perderiam definitivamente suas condições infantis (Calligaris, 2000; Levisky, 1998).

Muitos autores reduziram o olhar sobre a adolescência baseando seus estudos e dados apenas nos sujeitos de classe média e ignoraram aqueles que estavam à margem da sociedade (pobres e negros). A maneira de vivenciar esse período depende não apenas de fatores relacionados à inserção histórica e cultural, mas, também, de outros fatores ligados ao gênero e grupo social no

qual estão inseridos. Serra (1997) já resumia tais evidências dizendo que "há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente" (p. 29).

Em concordância com a citação de Serra (1997), Levisky (1998) aponta que "ninguém só é aquilo que é. É se sempre o resultado de uma interação entre os aspectos próprios e os aspectos da relação que se estabelece com o outro e com o meio" (p. 69). Logo, a identidade do adolescente advém da mescla de inúmeras identidades com as quais entrará em contato durante sua jornada e, através delas, traçará sua trajetória (Levisky, 1998).

É importante ter entendido o conceito de identidade para que seja possível compreender o movimento que o adolescente faz para "criar" a sua própria personalidade. Osório (1992 citado por Kreutz, 2001), diz que:

A identidade é a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um ser no mundo. Seria o conhecimento que cada um tem de ser um indivíduo único, separado e diferente dos outros, o que permite cada um reconhecer-se como o mesmo indivíduo a cada momento em sua evolução ontológica e corresponder, no plano social, à resultante de identificações prévias que foram realizadas. (p.20)

Logo, é a identidade que faz com que cada sujeito seja único e possibilita a noção de alteridade, ou seja, permite que cada um se reconheça como diferente dos outros e perceba-se em sua totalidade.

Alguns autores consideram que é na adolescência que se começa a viver, fase que pode ser comparada a um segundo nascimento. Fazemos essa afirmação quando levamos em conta que a adolescência é a busca de si mesmo, na qual o sujeito tenta romper com o ideal de ego narcísico dos pais para constituir seu próprio ideal de ego. É essa busca pelo Eu que exercerá papel fundamental na formação de sua personalidade (Marin, 2003).

Devido à importância dos fatores culturais e sociais na construção da adolescência, faz-se importante o cuidado com a homogeneização que é feita dessa condição extremamente heterogênea. Sabe-se que, em muitas comunidades, o adolescente desde muito cedo é tratado como adulto e possui responsabilidades tais quais ajudar nas contas da família e se sustentar. Em contrapartida, nos territórios mais favorecidos economicamente, vemos crescer cada dia mais o fenômeno da adolescência estendida, na qual a falta de responsabilidades e maturidade perdura até o período que poderia ser cronologicamente definido como fase adulta (Dias & Teixeira, 2010; Levandowsky, 2011).

Cabe novamente aqui nossa insistência em questionar à qual adolescência nos referimos. Se estivermos falando do adolescente que teve uma infância privilegiada, com seus direitos e deveres cumpridos conforme preconiza o ECA, podemos dizer que é realmente difícil abrir mão dessa condição e tornar-se um adulto com deveres e responsabilidades. Porém, se nos referirmos a uma grande parcela da população brasileira, amparada apenas teoricamente pelo ECA, que adquire responsabilidades desde muito cedo e que muitas vezes é vítima do

trabalho infantil, podemos imaginar que o temor pela entrada na vida adulta não seja tão real, visto que as responsabilidades já são necessárias desde muito antes.

Portanto, ao longo dessa explanação, desejamos sublinhar que o conceito de adolescência é múltiplo e heterogêneo e que tais características devem ser levadas em consideração para que possamos entender quais os desejos e as peculiaridades dos adolescentes com os quais nos deparamos.

O desejo e a possibilidade da gestação na adolescência

Atualmente, a gravidez é concebida como “normal” e esperada apenas para mulheres adultas, heterossexuais, casadas e estáveis financeiramente. Tais condições fazem com que a gestação não seja uma surpresa desagradável, já que esta fase da vida é considerada ideal para engravidar e sua “normalidade” independe do desejo – consciente – da mulher. As adolescentes que hoje engravidam são julgadas moralmente e desvalorizadas devido às mudanças da sociedade ocidental moderna na forma de pensar e compreender esse acontecimento (Frizzo, Kahl & Oliveira, 2005).

No século passado, era comum que meninas entre doze e catorze anos fossem consideradas aptas para casar e procriar. Caso atingissem essa idade sem um parceiro, eram consideradas um problema para a família, pois, nesse contexto histórico e social, a partir dos catorze anos a mulher já seria considerada velha demais para gestar um filho (Schoen-Ferreira et al., 2010).

Foi apenas a partir do século XIX que a adolescência passou a ser reconhecida e vista como um período crítico, considerado de risco para os outros e para o próprio indivíduo. Com as mudanças sociais, culturais, econômicas e demográficas desse período foi que a gravidez na adolescência passou também a ser vista como um problema.

A gestação na adolescência como problema de saúde ganhou visibilidade apenas a partir da década de 1970. Durante a década de 1960 a gestação nesse período da vida era vista como problema, não de saúde, mas de ilegitimidade social, e as jovens grávidas eram excluídas de casa e abrigadas por abrigos específicos para mães solteiras (Santos, 2011; Ferreira et al., 2012; Kreutz, 2001).

No século atual, vivenciamos um bombardeio de referências ambíguas quanto à sexualidade. Ao mesmo tempo em que há um aumento na veiculação midiática de nudez e pornografia, a sexualidade não deixa de ser tratada como tabu. As raízes moralistas impedem que haja uma concordância entre a quantidade e a qualidade de informação. Por esse motivo, os programas de “prevenção” à gestação que são pensados apenas a partir do viés do controle e da repressão da sexualidade – aspectos que dizem respeito ao direito ao prazer – estão fadados ao fracasso (Frizzo et al., 2005; Queiroz & Rangel, 2008).

A ansiedade sexual, a perda da segurança, a dificuldade em aceitar responsabilidades, a rebelião contra a autoridade paterna, a busca de aventura e a pressão exercida pelo desejo sexual podem fazer com que a informação sobre a contracepção, cuja finalidade é evitar a gestação, não seja suficiente. Como sugere Dadoorian (2003), "o canal que leva essa informação deve se abrir e se permeabilizar à complexidade do universo psicossocial dessas adolescentes, particularizando a significação da gravidez nesse segmento social" (p. 90). Ou seja, seria de grande valia dar voz a essas meninas para que possam expressar quais são suas fantasias quanto à gestação nesse período da vida (Dadoorian, 2003; Silva, 2014).

O não uso dos métodos contraceptivos pode aparecer como máscara para o desejo inconsciente de engravidar. Podemos encontrar na literatura explicações para essas falhas na contracepção em momentos de vulnerabilidade e num contexto social e relacional específico. Sendo assim, os fatores individuais que resultam em uma gravidez na adolescência não deveriam ocupar a preocupação central para investigar, mais uma vez, os motivos sociais (Albuquerque-Souza, Nóbrega & Coutinho, 2012; Alves & Brandão, 2009; Santos, 2011).

Algumas críticas acerca da gestação na adolescência são baseadas em discursos de incapacidade fisiológica para gestar e psicológica para criar seus filhos. No âmbito social, as críticas fundam-se nas consequências resultantes do nascimento de um filho neste determinado período da vida, entre as quais as mais citadas são: evasão escolar, dificuldade na manutenção e no ingresso empregatício das mães adolescentes e perpetuação da pobreza (Aquino et al. 2003).

Na área da saúde mental, a gestação na adolescência é criticada devido à imaturidade emocional que a jovem possui para assumir a função parental. Para os estudos acerca da gestação na adolescência, apenas a partir desse viés, esse fenômeno é encarado como indesejável e possui consequências apenas negativas. Dessa forma, pode-se notar que o discurso que rodeia o imaginário social da gestante adolescente é composto de moralismo e reducionismo, não deixando que exista a possibilidade de vivenciar a maternidade nesse período da vida como uma experiência desejada e plena de significados positivos (Aquino et al., 2003; Santos, 2011; Silva, 2014).

Por outro lado, Levisky (1998) aponta outro aspecto quando diz que, quando essa gestação ocorre, as mães e os pais adolescentes sentem-se desamparados, desesperados, carentes e confusos, não se sentem totalmente capacitados para essa nova tarefa, uma vez que ainda não conseguem lidar nem consigo mesmo de forma clara. Silva (2014) complementa dizendo que "conflitos intrapsíquicos vividos pela mãe adolescente também interferem em sua disponibilidade emocional para exercer função materna" (p. 27).

Desse modo, podemos perceber que o tema apresenta múltiplos posicionamentos e argumentos, e, na tentativa de homogeneizar a gestação, a

adolescência e a gestação na adolescência, podemos facilmente recair em um discurso baseado no julgamento moral e reducionista, visto a heterogeneidade social na qual estamos inseridos. Além disso, as políticas de “prevenção” da gravidez precoce são constituídas a partir de tais discursos, ou seja, observa-se uma tentativa de reprimir a sexualidade das mulheres, consideradas ignorantes e inconsequentes, considerando apenas suas idades cronológicas (Aquino et al., 2003).

De acordo com Winnicott (1975), é fundamental que a mãe tenha capacidade de ir ao encontro das necessidades básicas de seu bebê – preocupação materna primária – para que este se desenvolva emocionalmente. Além disso, o bom vínculo entre mãe-bebê é importante para promover a saúde mental tanto de um quanto do outro.

Com o nascimento de um filho, o esperado é que a atenção que até então era dada à gestante – adolescente e/ou adulta – seja direcionada, agora, para a criança. É necessário um ambiente sustentador para essa nova mãe, a fim de que seja possível suportar toda a nova experiência sem que haja sentimento de abandono e, tampouco, impeça sua mudança subjetiva de posição de filha para a de mãe (Frizzo et al., 2005; Levisky, 1998; Rosa & Reis, 2016; Silva, 2014).

Na população de baixa renda a maternidade pode significar possibilidade de ascensão social e de *status*, pois é a partir da constituição de uma família que muitas adolescentes passarão a ser vistas como mulheres. Na vida das jovens que apresentamos nesse artigo, a família ocupa posição central enquanto o estudo e trabalho, uma posição periférica. A interrupção do percurso escolar e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho de muitas delas independem da gravidez neste período da vida. Para Kreutz (2001), antes mesmo de engravidarem, as gestantes já apresentam rendimento escolar baixo e histórico de evasão (Dadoorian, 2003; Ferreira et al., 2012; Kreutz, 2001; Rangel & Queiroz, 2008; Silva, 2014).

De acordo com Kreutz (2001), a idade em que a maternidade é experienciada é menos importante que o nível socioeconômico da gestante em relação aos cuidados para com o filho. Nas classes econômicas menos favorecidas, ser mãe equivale ao *status* de ser mulher e, com isso, a maternidade na adolescência é vista com bons olhos e pode ser vivida como um sonho. O filho, muitas vezes, pode ser um presente que a adolescente gostaria de dar à sua própria mãe que, muitas vezes, não pôde exercer seu papel de mãe para com ela. Além disso, um filho poderá ter função de preencher o vazio causado por uma sensação de carência afetiva e relacional com a família na qual essas meninas estão inseridas, ou “escapar” de um ambiente familiar desfavorável, pode ser uma forma de testar sua capacidade reprodutiva, de tentar manter o relacionamento com o parceiro e se separar emocionalmente dos pais (Dadoorian, 2003; Falcão & Salomão, 2006; Frizzo et al. 2005; Kreutz, 2001; Levandowsky, 2011 Silva, 2014).

Segundo Zornig (2010), a gravidez pode ser apenas o desejo de experimentar o sentimento de potência e plenitude que este momento causa na mulher. O desejo de ter um filho tem duplo significado: o primeiro está ligado à perpetuação da espécie, ou seja, um desejo consciente, e o outro relacionado à elaboração da feminilidade, ao lugar que se destina ao filho no inconsciente dos pais.

Devemos nos ater, também, sobre a diferença entre o desejo de ter filhos e o desejo de ser mãe. O desejo de ser mãe implica na capacidade de se antecipar hipoteticamente como mãe do filho desejado. Enquanto o desejo de ter filhos requer a capacidade de imaginar a criança no futuro (Szejer & Stewart, 1997).

Violante (2007), para citar outra autora, afirma que o desejo de ter filhos se dá por meio da transmissão materna, mas é somente após a dissolução do complexo de Édipo que esse desejo poderá ser acessado ou não, visto que, para que haja o acesso ao desejo, a sexualidade infantil da mulher deve ter sido recalçada. A autora complementa dizendo que “o ‘desejo da maternidade’ é o desejo de repetir em forma especular sua relação com a mãe” (p. 367). Para Santos (2011), o sentimento materno é construído a partir das relações que a menina estabeleceu com suas referências femininas e de como sua castração afetou seu desenvolvimento emocional. A partir dessas informações, podemos compreender que o desejo de ser mãe e a forma como essa maternidade será constituída dependerá do modo como se constituiu a relação da gestante com sua mãe (Santos, 2011; Violante, 2007).

Obviamente não desejamos responsabilizar exclusivamente a mulher pela falha da contracepção, porém, como o artigo pretende explicar o desejo pela gestação e maternidade, não nos aprofundaremos no papel do homem.

MÉTODO

Para a presente pesquisa, elegeu-se como material e métodos para a coleta de dados a realização de entrevistas semidirigidas e a confecção da Linha do Tempo Familiar (LTF) com seis gestantes adolescentes, com idades entre 14 e 17 anos, em atendimento em três diferentes Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do município de Assis/SP. Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios, preservando assim a identidade de cada participante. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, protocolo 1.691.375.

Participantes

Camila (C), 17 anos, no momento da entrevista namorava Wesley há seis anos, estava no nono mês de gestação de sua segunda filha com o namorado e teve sua primeira gestação aos 14 anos, quando abandonou os estudos. Quando

tinha três anos, ocorreu a separação de seus pais. Em um primeiro momento, vivia apenas com a avó e após esse marco, passou a morar com a mãe e com a avó, enquanto seu pai sempre morou em uma cidade vizinha, manteve e mantém contato apenas telefônico. Atualmente Camila mora com sua mãe, com Wesley, o único da casa que trabalha, sua filha mais nova e dois irmãos mais novos. O sustento da família é garantido pelo salário de Wesley e pela pensão dos dois irmãos da entrevistada.

Diana (D), 14 anos, no momento da entrevista namorava Lucas há seis meses, estava no quinto mês de gestação, sendo que aos 12 anos teve um aborto espontâneo da relação com outro companheiro. Ela morou com seus pais até os nove anos, porque após a separação de seus pais, o pai foi morar com sua mãe (avó paterna). Entre os nove e 11 anos de idade, Diana morou com a mãe e os irmãos, porém, sua mãe foi presa quando tinha 11 anos e ela e os irmãos foram morar com o pai e a avó paterna. Um ano após a mudança, seu pai também foi preso e, mesmo morando com a avó, Diana passou a ser responsável por seus irmãos mais novos, levando-os à escola, hospitais e onde mais fosse necessário. Hoje ela mora com Lucas e está trabalhando, porém parou seus estudos na sexta série, devido à necessidade de ajudar no sustento da casa.

Gisele (G), 16 anos, solteira, no momento da entrevista encontrava-se no oitavo mês de gestação de seu primeiro filho com Fabrício. Seu pai faleceu quando tinha sete anos e sua mãe estava grávida de sua irmã. A morte de seu pai ocorreu durante um confronto com um policial e, a partir disso, sua mãe mudou duas vezes de cidade para trabalhar e sustentar duas filhas pequenas. Durante esse período fora de sua cidade natal, a mãe de Gisele foi presa por furto, fazendo com que ela e a irmã ficassem em um abrigo durante quatro meses. Gisele é a única entrevistada que não tem uma relação com o pai de seu filho e o considera uma péssima pessoa. Fabrício atualmente está na Fundação Casa e a concepção ocorreu durante um período no qual ele havia deixado a instituição. Atualmente Gisele continua estudando, mas expressa o desejo de abandonar os estudos, alegando que frequentar a escola poderia ser prejudicial à gestação, pois uma colega de sala chutou sua barriga durante uma briga.

Gabrielle (G), 16 anos, no momento da entrevista namorava Paulo há quase três anos e estava no quarto mês de gestação. Diz que por sua mãe ter engravidado dela quando era jovem, aos 18 anos, sempre a rejeitou e não gostava dela, por isso foi criada pelos avós, embora nunca tenha morado com eles. Ainda hoje mora com os pais e não tem planos para morar com Paulo em breve. É uma menina tímida que sempre teve medo de iniciar um contato com as pessoas e ser rejeitada por elas. Continua frequentando a escola e pretende cursar ensino superior, porém imagina que após a gestação terá que parar os estudos durante um tempo.

Jaqueline (J), 17 anos, no momento da entrevista não conseguia precisar há quanto tempo está namorando André e encontrava-se no quinto mês de

gestação. Seus pais nunca moraram juntos, porém, embora seu pai seja casado com outra mulher, ainda se relacionam e os irmãos mais novos de Jaqueline também são filhos de ambos. Jaqueline morou dois anos com o pai em uma cidade vizinha porque dava muito trabalho para a mãe. Atualmente mora na cidade de seu pai com André. Pretende continuar seus estudos mesmo após o nascimento de seu filho, já tem planos de que sua cunhada a ajudará a cuidar do bebê e assim que possível o colocará na creche para seguir seus planos pessoais.

Marcela (M), 17 anos, no momento da entrevista namorava Jairo há um ano e três meses e estava no oitavo mês de gestação. Seus pais são casados e depois da gestação ela passou a morar com seu companheiro em uma casa perto de toda a família. Marcela relata muitas brigas na família por causa de seu avô alcoolista, mas diz que hoje ele não bebe mais. Pretende continuar os estudos e não alterou seu plano de prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no mesmo ano da entrevista (2016).

Instrumentos

Na entrevista semidirigida, o entrevistador sabe quais objetivos busca alcançar, quais informações são pertinentes e qual a relevância destas. Embora haja um roteiro de entrevista, as questões são sequenciadas de acordo com o que surgir no decorrer do processo (Turato, 2003). Nessa pesquisa, utilizamos um roteiro de entrevistas previamente organizado que serviu como um norteador, uma vez que ao longo de cada entrevista realizada, a pesquisadora pôde reformular e redimensionar as questões de acordo com os objetivos previstos para a coleta de dados.

Após a realização das entrevistas, foram confeccionadas pelas adolescentes as LTFs, as quais consistem em pontuar os eventos significativos da vida de cada uma delas, desde quando suas famílias foram formadas até os dias atuais, numa linha horizontal na qual se demarca tais eventos. (Burd & Baptista, 2010).

Procedimentos

Após o levantamento do número de gestantes adolescentes usuárias das Unidades Básicas de Saúde, foi realizado o contato com as gestantes e suas responsáveis legais, mediado pelas equipes das UBSs. Posterior ao acordo e à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pela responsável e do Termo de Assentimento pela gestante, pudemos dar início às entrevistas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados encontrados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo, levando em consideração as regularidades e peculiaridades dos discursos (Turato, 2003).

Posteriormente, foram confeccionadas as LTFs, sendo algumas imediatamente após a realização das entrevistas e outras em dias diferentes,

porém esse fator não mostrou ter interferência nos resultados. As LTFs foram analisadas individualmente, tendo como foco destacar quais os fatos considerados mais importantes entre elas e aqueles que apareceram como exceção. A discussão e a interpretação dos dados foram realizadas de acordo com a teoria psicanalítica (Burd & Baptista, 2010).

RESULTADOS

A partir da análise das entrevistas e Linhas do Tempo Familiar (LTF) foram selecionadas algumas categorias de análise para compor os resultados.

Desejo pela gestação

A gestação é vivenciada como um momento de plenitude, independentemente da idade da gestante, visto que a mulher grávida está literalmente preenchida. Tal sentimento se desenvolve a partir da relação do bebê com o falo e, de acordo com Freud (1914/1996), estando com um filho no ventre é como se agora ela estivesse provida do falo, ou seja, a posse daquilo que sempre faltou. As sensações de plenitude e importância são reafirmadas pelo mundo externo quando toda a atenção se volta à gestante, tornando-a o "centro das atenções" (Freud, 1914/1996; Silva, 2014; Szejer & Stewart, 1997).

A partir dos discursos das entrevistadas foi notado que não houve, em sua maioria, um planejamento da gestação e, quando há planejamento, este aparece desprovido de reflexão, sendo um destino necessário, fruto de desejo que pede por realização imediata.

"J: Não sei o momento certo, eu achei a pessoa certa. Eu sei que não vai 'fazer eu' criar uma criança sozinha, eu sei que ele vai tá junto. Mas é isso, a pessoa certa e já era, na hora certa." (Jaqueline, 17).

"G: Eu sempre quis ser mãe, desde pequena. Adoro criança, eu sempre quis trabalhar também numa coisa que tenha a ver com criança. Aí eu queria ser mãe, que eu gosto bastante." (Gabrielle, 16).

Em ambos fragmentos, podemos perceber a gestação como um acontecimento tomado sem reflexão acerca do que é estar grávida e ter um filho, visto que não há antecipação da maternidade e do(a) filho(a) que irá nascer.

Os motivos que levaram ao desejo dessa gestação sugerem que as jovens já tinham tido contato prévio com crianças e exercido papel de cuidadoras, seja com familiares ou a partir de vínculo empregatício como babás. Tal aspecto pode relacionar-se à necessidade do cuidado na vida dessas jovens que sofreram perdas e separações importantes em suas vidas. O narcisismo na adolescência "pode ser pensado como algo que está ligado às perdas de objetos e ao ideal do ego, que passa por todo um processo de reorganização" (p. 63) e o ser mãe nesse período da vida pode usado para a adolescente afirmar-se também como pessoa. (Nascimento, 2002; Kreutz, 2001)

"G: *Eu sempre cuidei de criança. Desde quando eu era pequena, minhas irmãs nasceu, minhas primas. Eu sempre cuidei desde pequena de criança, então... (...) G: Eu sempre gostei de cuidar de criança, assim, sabe. Mesmo não precisando eu sempre queria ficar cuidando.*". (Gabrielle, 16).

"D: *Ah, (queria ter filho) porque sim. Porque depois, que nem, agora eles (irmãos caçulas) já tão grande, aí eu falei que queria um também. Bebezinho pra mim cuidar.*". (Diana, 14).

Planejamentos futuros

Para as adolescentes entrevistadas, pensar no futuro é algo muito difícil. Corroborando com o pensamento de Rosa e Reis (2006), as entrevistadas parecem organizar suas vidas em torno do presente e de forma imediatista. No entanto, diferentemente do "planejamento" da gestação, o imediatismo não compreende a escolarização e a profissionalização, pois os resultados obtidos por essas últimas só serão alcançados a longo prazo (Rosa & Reis, 2006).

Jaqueline, 17 anos, diz "*Ah, com ele, assim, acho que não tem muito plano não. É só ter nosso filho só.*" e, assim, podemos perceber que, nesse contexto socioeconômico, o futuro aparece como algo predestinado a acontecer, que independe da vontade pessoal e não é passível de mudanças. Aqui, a vida se organiza a partir dos acontecimentos e das necessidades, sendo que o desejo de mudança é desprovido de ferramentas para alcançá-la.

Função do filho

Os lugares ocupados pelo filho são diversos, dentre eles, o filho pode vir como aquele que irá reparar uma história de fracasso profissional e escolar na vida das jovens grávidas e de seus pais. É com o filho que elas acreditam na possibilidade da reconstrução de suas vivências infantis, impedindo que a sua criança seja privada daquilo que elas foram anteriormente.

"E: *Que que você espera pro futuro da Ana Carla e da Mariana? C: Que seja diferente. Porque é difícil. E: Diferente do seu futuro? C: É. E: E como que elas podem...? C: Ah, elas não namorar, assim, tão cedo. Esperar mais e fazer as coisas que elas quer fazer primeiro, antes de ter filho.*". (Camila, 17).

"M: *Ah, espero que ela cresça bem, teja uma boa saúde. (silêncio) Não se envolva com nada de errado. Pra mim tá bom. Faça os estudos dela, termine. E quando ela tiver maiorzinha aí ela vai vendo o que ela vai querer.*". (Marcela, 17).

Nas entrevistas, o filho apareceu como alguém que mudará "tudo" em suas vidas, no entanto esse "tudo" não é algo passível de explicação. No geral, o relato fica circunscrito às mudanças concretas do cotidiano e da questão afetiva, como na fala da mesma entrevistada acima, "*G: Tudo né. Vai mudar tudo. Vou ter que cuidar, não vou poder sair mais. Quer dizer, poder sair eu vou, né, mas eu não vou querer sair mais.*".

Linha do Tempo Familiar (LTF)

Apresentamos a seguir, sucintamente, os fatos apresentados pelas entrevistadas em suas respectivas LTFs, as quais auxiliam na compreensão das principais marcas nas vidas dessas jovens.

Assim, Camila pontuou os anos de sua vida familiar nos quais ocorreu o divórcio de seus pais, o nascimento de sua irmã mais nova, o de sua primeira filha e a gestação atual.

Gabrielle inicia sua Linha marcando seu nascimento e em seguida, a sua entrada na escola, posteriormente o ano em que conheceu seu namorado, o início do namoro, a morte de seu avô e a gestação atual.

Gisele iniciou seu trajeto com o fato da prisão de sua mãe no ano de 2004, o ano em que morou na Casa Abrigo com sua irmã em decorrência do adoecimento de sua mãe, a morte de seu pai, o ano em que conheceu um namorado de quem gostou muito e a atual gestação.

Por sua vez, Diana não apontou fatos na Linha do Tempo Familiar, mas alguns adjetivos que assinalam situações afetivas, tais como "unidos", que se refere ao tempo em que seus pais permaneceram unidos, "carinho" que marca a prisão de seus pais e quando passou a morar com seus avós e recebeu esse acolhimento afetivo por parte deles. Em seguida, "apoio", quando se refere à sua gestação.

Marcela iniciou sua LTF a partir do namoro de seus pais, seguido da união dos mesmos. Após isso, aponta, anos mais tarde, as duas gestações e o nascimento de seus irmãos mais novos, em seguida, seu namoro, sua gestação e o fato de morar com seu companheiro.

Para Jaqueline, o primeiro fato apontado foi o nascimento de seu irmão mais velho, as brigas e o fim das brigas entre seus pais e sua gestação.

Desse modo, levando em consideração os fatos apresentados nas LTFs, evidenciamos que, de modo geral, os fatos apresentados estão relacionados a nascimentos – inclusive a gestação das jovens, mortes, inícios e rupturas de relacionamentos. Os vínculos, embora frágeis, apareceram como sustentação, algo que dá sentido à vida e, por isso, a chegada de um filho aparece como algo marcante na vida das jovens gestantes. Tal fato pode refletir a segurança da presença concreta do filho como alguém literalmente ligado às gestantes durante a gravidez e que, por um período de tempo, permanecerá absolutamente dependente delas.

Além disso, com exceção de Gabrielle, as demais entrevistadas não apresentaram nenhum aspecto relativo a outros interesses na Linha do Tempo, tais como estudos, amigos, por exemplo. Tal fato corrobora a afirmação de Ferreira et al. (2012) de que, na vida dessas jovens, a família ocupa posição central, enquanto os estudos e o trabalho ocupam uma posição periférica ou praticamente inexistentes. O percurso escolar de muitos dos jovens das camadas

populares já foi marcado por interrupções independentemente da gestação, assim como sua inserção ou não no mercado de trabalho (Ferreira et al., 2012).

DISCUSSÃO

Levando em consideração a análise das entrevistas e das LTFs, podemos pensar que a constituição do ser mãe para as gestantes que compuseram essa pesquisa se constitui em um ato social. Considerando o contexto e características socioeconômicas aos quais pertence, a adolescência é uma etapa de curta duração e gerar um filho equivale a ser mulher. É por meio do filho e, conseqüentemente com a constituição de uma família, que a adolescente encontrará seu lugar no mundo, principalmente no tocante ao papel da mulher, visto que existiria praticamente uma equivalência entre o papel da mulher e o da mãe (Levandowsky, 2011).

Partindo de tal pressuposto, podemos refletir que a gestação nesse momento da vida é consequência da falta de perspectiva de vida centrada nos estudos e no trabalho qualificado. O trabalho ocupa uma importante posição da vida desses jovens, porém, com a característica da necessidade do sustento da família e não exatamente como uma qualificação profissional (Dadoorian, 2003; Rangel & Queiroz, 2008).

Por outro lado, é importante ressaltar que além de tal aspecto social, existem fatores psíquicos marcantes na vida das jovens mães, que se relacionam à gestação na adolescência. Foi possível perceber, nos relatos das gestantes, que o filho ocupa o lugar de uma figura de segurança e de forte ligação, diante do temor da perda de objetos significativos vivenciados ao longo da vida. Com o nascimento de um filho surge a necessidade de cuidar. A forma como este cuidado será estabelecido dependerá da forma como a mãe o recebeu e o introjetou quando bebê. Tal aspecto ficou evidente na análise das entrevistas como nos fatos apontados nas LTFs das jovens, marcadas por perdas, separações e rupturas na vida familiar.

Além disso, é necessário que haja um ambiente sustentador para a mãe, após o nascimento da criança, visto que neste momento toda a atenção que até então era dirigida a ela passará ao bebê após o seu nascimento. Caso esse ambiente não seja suficientemente sustentador, existe a possibilidade de que essa nova experiência seja vivida novamente como abandono, afetando o investimento primário no filho (Silva, 2014).

Diante do vazio e desamparo, o filho surge como uma necessidade/urgência de continuidade narcísica e da família. Podemos pensar em algo que beira a atuação, porém não temos dados para afirmar tal ideia. A perpetuação da família surge como motivo da gestação, pois não há outras possibilidades de que suas marcas sejam deixadas no mundo senão através de

um filho, visto que esse é *conditio sine qua non* de suas existências, marcada por laços de dependência e não de complementariedade.

Com uma gravidez que surge da necessidade de dar continuidade à família, retomamos a diferença entre o desejo de ser mãe e o de ter um filho. Ser mãe implica na capacidade de se antecipar hipoteticamente como mãe do filho desejado enquanto o desejo de ter filho requer a possibilidade de imaginar a criança no futuro. Além disso, o desejo pela maternidade também pode ser traduzido como o desejo de repetir a relação das adolescentes com suas próprias mães (Szejer & Stewart, 1997, Violante, 2007).

Na análise das entrevistas, pudemos perceber que ao mesmo tempo em que a adolescente não consegue se antecipar como mãe, também não consegue imaginar seu filho num longo prazo. Embora as gestantes tenham expressado um desejo de que seus filhos possam romper com o histórico dessa família, não conseguem pensar em algo consistente com relação ao futuro do mesmo. Essa dificuldade pode ser explicada pela falta de investimento, pela impossibilidade de dar/fazer algo que nunca tiveram.

É evidente a dificuldade na constituição do ideal de ego para a família, seja com relação ao filho como em relação ao casal. Pudemos notar a fragilidade e a falta de projetos consistentes para ambos, uma vez que inicialmente essa família foi constituída a partir da geração de um filho cuja principal função é reparadora, tanto no contexto da vida das jovens como para as famílias envolvidas.

Para finalizar, podemos refletir que a gestação na adolescência, caracterizado pelo engrandecimento do narcisismo e, portanto, ligado às perdas de objetos e ao ideal do ego que nessa fase da vida passam por uma reorganização, pode carregar também o significado da busca da necessidade de uma afirmação enquanto pessoa devido à falha na constituição de ideais de ego. Assim, esses jovens que buscaram na geração de um filho o caminho para ocupar um lugar no mundo demonstram inicialmente apenas a possibilidade de exercício da parentalidade, ou seja, do exercício das funções físicas e psíquicas do cuidado dos filhos. No discurso não ficam evidenciados que a parentalidade tem sido vivenciada como uma experiência de transcendentalidade, situando os sujeitos em seus laços de parentesco ou mesmo das transformações psíquicas que ocorrem nos pais, necessárias para receber o filho numa posição diferenciada daquela ocupada pelos seus progenitores (Silva, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as questões levantadas e discutidas até o momento, podemos perceber que a gestação que surge durante a adolescência se configura como uma possibilidade e não como algo indesejado. Tal possibilidade amplia-se na vida de tais jovens, desde a afirmação de um lugar social de mulher/mãe estendendo-se a questões psíquicas e familiares.

Com relação ao lugar social, é importante levar em consideração que, em algumas parcelas da população, a educação e a profissionalização são realidades distantes e, por isso, os desejos e demandas das pessoas são norteadas por outros interesses. Nesse sentido, a maternidade e a família caracterizam-se como um projeto legítimo e digno de compreensão.

No que diz respeito às questões psíquicas, os dados analisados tanto nas entrevistas como nas LTFs, nos permitiram compreender que a gestação, a maternidade e o filho são carregados por um sentido de preenchimento de um vazio afetivo e de reparação de perdas e rupturas de vínculos familiares precoces que remontam à relação das gestantes com suas figuras parentais. Nesse sentido, nos pareceu que o filho sinaliza a possibilidade de uma ligação afetiva intensa sem o risco da perda.

Foi possível encontrar nos relatos das adolescentes o sentido de que, após o nascimento dos filhos, as futuras mães terão uma companhia, ou seja, alguém que esteja fortemente ligado a elas. Além disso, tal caminho de reparação parece ter sido vivenciado precocemente na vida dessas jovens, uma vez que algumas relataram que desde crianças se ocuparam dos cuidados de irmãos e parentes, o que revela a possibilidade de ter “um filho só seu” como uma forma de preenchimento desse vazio vincular e afetivo.

Tal aspecto que denominamos psíquico atrela-se às questões familiares, uma vez que tanto a constituição do jovem casal como a da família têm como ponto central gerar um filho. Assim, a escolha do parceiro e a decisão da coabitação ocorreram em função do filho, mostrando assim a constituição de uma família como algo essencial na vida dessas jovens.

Porém, a formação do ideal de ego evidenciou um ponto frágil na constituição da família à qual as jovens deram início por meio da união com os companheiros e da geração dos filhos: é notável que o ideal do ego das futuras mães se sustenta principalmente nos aspectos da maternidade/mulher/família, enquanto outros projetos de vida possíveis nessa etapa de vida, tais como estudos, profissionalização e trabalho, surgem como secundários e pouco investidos, quase como uma impossibilidade.

Por fim, é preciso refletir a respeito do lugar ocupado pela psicologia no que diz respeito ao foco de nossa pesquisa e das políticas públicas principalmente no tocante a DSTs e gravidez, de modo que possam oferecer serviços que acolham essas jovens mães e suas famílias, de modo que seja possível oferecer à população em questão um espaço que possibilite que a parentalidade seja desenvolvida para além do simples fato de gerar um filho. Além disso, é importante considerar que a gestação na adolescência é um fenômeno que abarca significados sociais, subjetivos e históricos, importantes para se levar em consideração nos serviços que atendem tal população.

Portanto, evidenciamos que as críticas acerca da gestação na adolescência são baseadas majoritariamente em preconceitos étnicos e sociais, visto que a

maioria das adolescentes que engravidam provém de uma classe financeiramente desfavorecida. Essas adolescentes já possuem seus sonhos cerceados e não precisam que mais essa autonomia lhes seja tirada, porém é necessário que lhes sejam dadas possibilidades de reflexão e escolhas ficando a gestação nesse período como uma opção e não como a principal escolha para ocupar um lugar social. É preciso que elas possam ser ouvidas, que se sintam acolhidas, conheçam seus direitos e deveres, sem que nada lhes seja tirado em razão de suas posições socioeconômicas e/ou étnicas.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Albuquerque-Souza, A. X., Nóbrega, S. M., & Coutinho, M. P. L. (2012). Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. *Psicologia e Sociedade*, 24(3), 588-596. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000300012>
- Alves, C. A., & Brandão, E. R. (2009). Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciências Saúde Coletiva*, 14(2), 661-670. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200035>
- Aquino, E. M. L., Heilborn, M. L., Knauth, D. R., Bozon, M., Almeida, M. C. C., Araújo, M. J., & Menezes, G. M. S. (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(2), 377-388. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800019>
- Burd, M., & Baptista, C. (2010). Anamnese da família: genograma e linha do tempo. In J. Mello Filho & M. Burd (Eds.), *Doença e família* (pp. 93-110). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(1), 84-91. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100012>
- Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, 20(45), 123-131. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>

- Falcão, D. V. S., & Salomão, N. M. R. (2006). Mães adolescentes de baixa renda: um estudo sobre as relações familiares. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58(2), 11-23. Recuperado em 23 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000200003&lng=pt&tlng=pt
- Ferreira, R. A., Ferriani, M. G. C., Mello, D. F., Carvalho, I. P., Cano, M. A., & Oliveira, L. A. (2012). Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(2), 313-323. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200010>
- Freud, S. (1914/1996). *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Frizzo, G. B., Kahl, M. L. F., & Oliveira, E. A. F. (2005). Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. *Psico*, 36(1), 13-20. Recuperado em 23 de janeiro de 2017, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1370/1070>
- Kreutz, C. M. (2001). *A experiência da maternidade e a interação mãe-bebê em mães adolescentes e adultas*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Levandowsky, D. C. (2011). Mamãe, acho que estou... ligeiramente grávida: Uma reflexão sobre a gravidez na adolescência. In A. Wagner (Ed.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (pp. 123-135). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Marin, I. A. K. (2003). Violência e transgressão: Interrogando a adolescência. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, 6(3), 94-109. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142003003007>
- Nascimento, E. M. V. (2002). *Maternidade, desejo e gravidez na adolescência*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Rangel, D. L. O., & Queiroz, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nessa etapa da vida. *Escola Anna Nery*, 12(4), 780-788. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452008000400024>
- Rosa, A. J., & Reis, A. O. A. (2016). Maternidades sucessivas na adolescência: Do destino ao desejo. In R. G. Salgado, C. L. S. Mariano & L. L. Souza (Eds.), *Gênero, sexualidade, diversidade e educação* (pp. 131-145). Cuiabá, MT: EdUFTM.

- Santos, K. D. (2011). *Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 29 de abril de 2019, de http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-20072011-150734/publico/Delfini_me.pdf.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Serra, E. (1997). Adolescência: Perspectiva evolutiva (pp. 24-28). *Anais do VII Congresso INFAD*, Oviedo, Espanha.
- Silva, M. C. P. (Eds.). (2014). *A construção da parentalidade em mães adolescentes: um modelo de intervenção e prevenção*. São Paulo, SP: Escuta.
- Szejer, M., & Stward, R. (1997). *Nove meses na vida de uma mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Tachibana, M., Santos, L. P., & Duarte C. A. M. (2006). O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. *Psyquê*, 10(19), 149-167. Recuperado em 23 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000300010&lng=pt&tlng=pt
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Violante, M. L. V. (2007). Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade?. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 153-164. Recuperado em 23 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100011&lng=pt&tlng=pt
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado em 23 de janeiro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt

Sobre os autores

Amanda Carvalho Dias é psicóloga pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – campus Assis. Trabalha na linha da psicanálise e recebeu financiamento de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. amanda_dias26@hotmail.com

Mary Yoko Okamoto é psicóloga e mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Assis e doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Assis. mary.ok@uol.com.br

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: A.C.D. e M.Y.O. contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; A.C.D. e M.Y.O. foram responsáveis pela obtenção de financiamento; A.C.D. fez a redação inicial do artigo (rascunho) e A.C.D. e M.Y.O. são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

As autoras agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa. Agradecem, ademais, às Unidades Básicas de Saúde do município de Assis/SP, às gestantes adolescentes e suas responsáveis pelo apoio e participação na coleta de dados e a Brigitte Hervot e ao André Masao Peres Tokuda pela revisão final do artigo.

Recebido em: 30/06/2017

Revisado em: 21/01/2018

Aceito em: 16/02/2018